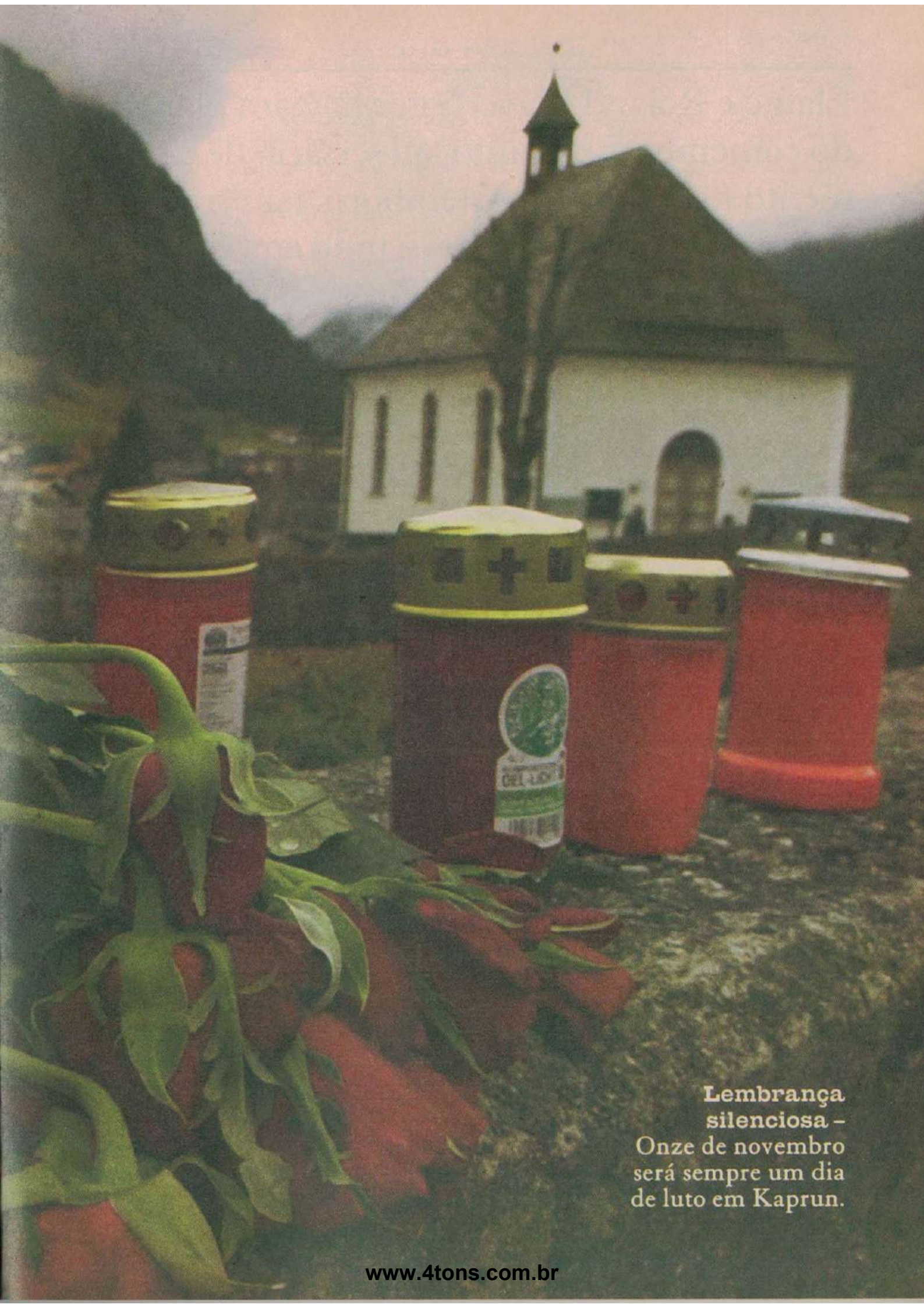


KAPRUN

Inferno no trem

A história da brasileira
que lutou para sobreviver

Por Justus Steidle



**Lembrança
silenciosa –**
Onze de novembro
será sempre um dia
de luto em Kaprun.

Elaine e Roland Mayerhofer haviam planejado comemorar o quinto aniversário de casamento no Monte Kitzsteinhorn, na província austríaca de Salzburgo. Quando embarcaram naquele trem, não podiam imaginar que, em questão de minutos, tudo se transformaria em um inferno de chamas.

Céu azul. Um sol radiante e um tempo perfeito.

É uma neve gloriosa aguardando lá em cima na geleira, no centro alpino do Kitzsteinhorn, a 2.452 metros de altitude. É o dia 11 de novembro de 2000. Centenas, ou melhor, milhares de esquiadores e praticantes de *snowboard* estão prontos para se entregar à sua paixão nesse belo sábado. Muitos vieram de longe, não somente da Áustria e da vizinha Alemanha, mas também dos Estados Unidos e até mesmo do Japão. Afinal, a área de esqui da geleira no Kitzsteinhorn, acima do vilarejo de Kaprun, na Província de Salzburgo, é uma das regiões de esporte de inverno mais bonitas e mais freqüentadas da Europa. Mesmo no verão é possível descer de esqui a montanha e, já no fim do outono, há pistas de neve seca.

Para aquele dia, foi anunciado um evento especial no Kitzsteinhorn: a abertura da nova temporada

de *snowboarding*, com diversas atrações e campeonatos, um espetáculo que os jovens, especialmente, não querem perder.

Elaine e Roland Mayerhofer, ambos de 33 anos, de Vilseck, na Bavária, Alemanha, tinham em mente outro tipo de comemoração no Kitzsteinhorn. Nesse 11 de novembro completavam cinco anos de casados. Quando, algumas semanas antes, souberam que o Clube de Esqui Unterweissenbach estava organizando uma excursão de ônibus exatamente para aquele fim de semana, inscreveram-se sem demora. O irmão de Roland também quis ir, levando a filha de 16 anos, assim como a irmã dele, Birgit, acompanhada do marido. Desde a infância os três irmãos não viajavam juntos.

Roland adorava esqui, mas desde o casamento abriu mão de seu passatempo favorito, porque a mulher, a brasileira Elaine, não estava familiarizada com esportes de inverno. Quando era solteiro, ele costumava



Elaine e Roland Mayerhofer hoje – Juntos na catástrofe.

mava viajar uma vez por ano para esquiar. Comentava sempre aquelas viagens com a mulher, descrevendo a beleza das montanhas no inverno e o ambiente animado. Elaine, com seu entusiasmo brasileiro, sentiu a curiosidade aumentar no decorrer dos anos. Agora, no quinto aniversário de casamento, finalmente foi

atraída pelas montanhas. Para ela, tudo seria novidade. Queria ver se também iria gostar de esquiar. Os filhos Lancelot, 6 anos, e Marlon, 7 meses, estariam em boas mãos naquele fim de semana. Os avós haviam vindo do Brasil. Assim, com a consciência tranqüila, ela poderia tirar umas pequenas férias da rotina



O Kitzsteinhorn – Popular entre esquiadores e praticantes de 'snowboard'.

familiar e aproveitar o fim de semana e o aniversário de casamento na companhia do marido.

Véspera da viagem. Na sexta-feira, às 16 horas, um ônibus fretado pelo clube de esqui vai levá-los à Áustria. No entanto, a expectativa e o bom humor de Roland desapareceram sem explicação. Ele trabalha como autônomo para um banco e ainda tem muito a fazer antes da partida. “Vamos desistir da idéia”, sugere, surpreendendo Elaine. “Podemos muito bem festejar em família.” Subitamente, Roland não quer mais ir.

Seria um aviso do destino, que os Mayerhofers deixam de reconhecer? Talvez. Mas a viagem já está paga, as malas prontas, e Roland consegue terminar o trabalho a tempo.

Os pais se despedem das crianças. Elaine nota que o pequeno Marlon se agarra a ela como jamais havia feito. O menino simplesmente não quer largá-la. Elaine, que sai de casa todos os dias para dar aulas de balé em seu estúdio, surpreende-se com o comportamento do menino, e chega a se inquietar. Hoje acredita que foi mais um aviso do destino.

Um ambiente alegre domina o ônibus. O grupo é formado por 49 pessoas, todas de Vilseck e redondezas. Praticamente todos se conhecem. Há risadas e muita conversa. As seis horas de viagem até o Hotel Schoenblick passam voando. Na chegada, o grupo se reúne para uma ceia agradável e algumas cervejas. É o típico ambiente de férias, ainda que de apenas dois dias.

Elaine dorme mal à noite. Seu so-

no entrecortado é povoado de sonhos incoerentes. Uma indefinível agitação interior a assalta. *O que é isso? Não estou me reconhecendo*, diz a si mesma.

No sábado pela manhã, o despertador toca às 7 horas. Os esquiadores da Bavária querem estar cedo na pista, a fim de aproveitar o dia maravilhoso e evitar a longa fila para o trem da montanha.

Estranhamente, Elaine tem dificuldade em se levantar. "Era como se algo me segurasse na cama", recorda. A situação se inverteu. Ontem era Roland que não queria mais viajar; hoje é Elaine que sente uma inexplicável aversão à aventura toda. Mas acaba se controlando. Afinal, era ela quem desejava experimentar esqui. Um ano depois, Elaine admite: "Eu deveria ter dado ouvidos à minha voz interior."

São apenas 25 minutos de ônibus do hotel até Kaprun. A estação do vale, ao pé do Kitzsteinhorn, está 911 metros acima do nível do mar. Há várias formas de se chegar ao platô na geleira. Um teleférico conduz ao Centro Alpino, a 2.500 metros de altitude, e há também um trem, do tipo funicular, que atravessa o túnel. Em operação há 26 anos, é considerado modelo da moderna tecnologia de ferrovia de montanha, e pode transportar cerca de 3.500 pessoas por dia. Com um aclave de até 43%, viaja em oito minutos e

meio praticamente em linha reta pelo interior da montanha. Do trajeto de 4.050 metros, 3.300 metros são dentro do túnel.

Na estação do vale há muita agitação. Uma verdadeira multidão quer subir até o paraíso de neve. Mas os operadores do trem do Kitzsteinhorn já estão habituados. Nos horários de maior movimento, parte um trem a aproximadamente cada dez minutos. Catracas equipadas com contadores asseguram o tráfego rápido dos passageiros. Um único trem acomoda 180 pessoas com seus equipamentos de esqui.

A turma da Bavária chega à estação do vale

logo após as 8h30. Passes de esqui são distribuídos. Vai começar a diversão. Elaine e Roland estão prestes a se separar do grupo, pois Elaine, a brasileira sem experiência nas montanhas, ainda precisa conseguir esquis e botas. Disseram-lhes que os equipamentos poderiam ser alugados na estação do vale; na verdade, porém, só é possível alugá-los lá em cima, na estação da montanha. *Melhor*, pensam eles, *assim poderemos ficar todos juntos*. O casal então se junta à família e aos companheiros da Bavária na fila. Um trem sai nesse instante, mas eles embarcam no próximo. Alguns do grupo escolheram o teleférico. *Que pena*, lamenta Roland, ao ver a cabine oscilando sobre a estação do vale. *Poderíamos ter ido pelo teleférico! Seria muito mais bonito do que pelo expresso, que sobe pelo*

túnel. Mas agora é tarde, já estamos no meio da fila...

O casal entra no trem chamado *Kitzsteingams*. Eles escolhem a segunda porta, apenas alguns metros acima da cabine inferior do condutor, que não é ocupada em viagens para a montanha. O irmão e a filha, bem como a irmã e o marido, também estão com eles.

São 9h03 quando as portas se fecham e o trem parte. Percorre uma rampa de cerca de 700 metros até dentro do túnel – subindo para a estação da montanha. Há 162 pessoas a bordo, incluindo o condutor.

Alguns se empurram para garantir um lugar de qualquer jeito. Elaine, pela primeira vez em um funicular, sente-se confinada. *Tanta gente amontoada!* Com todos os esquis, bastões e *snowboards*. Roland a acalma: “A travessia é rápida. Logo estaremos lá.” Ela olha à sua volta e só vê rostos felizes. Muitos jovens, várias crianças. Todos de bom humor, conversando alegremente, incluindo Roland, o irmão e os demais da família Mayerhofer.

Mas, nesse momento, Elaine está prestando atenção a outra conversa. Quando o trem entra no túnel, uma mulher perto dela pergunta: “O que acontece se ficarmos presos aqui? Como sairemos?” As pessoas ao redor ouvem e dão risada. Talvez porque saibam que esta ferrovia, em seus 26 anos de funciona-

mento, já transportou milhões de pessoas ao topo da montanha sem qualquer incidente.

O trem pára um minuto depois, com um solavanco. As pessoas cambaleiam um pouco, mas ninguém se aborrece. Até que não foi tão ruim. “Certamente estamos no ponto de desvio”, alguém diz. “O trem que desce para o vale logo vai passar por nós.”

Conclusão errada. O trem avançou apenas 600 metros dentro do túnel, muito menos do que a metade da distância até o ponto de manobra. Está agora parado a um nível de 1.400 metros. Ninguém ainda suspeita que esse local escuro vai se tornar o cenário de um inferno.

As pessoas se perguntam o que estaria acontecendo. O trem continua parado, sem qualquer explicação. Passam-se dois, três minutos. Os passageiros tentam adivinhar o motivo da parada inesperada. De repente, alguém grita lá atrás: “Há fumaça aqui!”

Na verdade, são densas nuvens de fumaça, subindo através do piso, na cabine inferior do condutor. A fumaça se avoluma rapidamente. “Mantem a calma, pessoal”, pede o irmão de Roland. “Não entrem em pânico!” Foram as últimas palavras que Roland ouviu o irmão dizer.

Roland logo percebe que a fumaça pungente é tóxica e pode ser letal, mas tenta manter a calma. “Não queria passar meu medo para os outros, especialmente para Elaine”, ex-



A ferrovia da montanha antes da tragédia – Mais de 3 mil metros do trajeto eram feitos através do túnel.

plica mais tarde. Sua mulher está pensando nos dois filhos em casa, em Vilseck. Enquanto todos os outros mais acima, na frente do trem, parecem aguardar impaciente e inocentemente que a viagem continue, a situação abaixo, na parte posterior, torna-se crítica. Sob a cada vez mais fumaça e alguns começam a tossir.

– Precisamos de ar! – gritam. –
Abram as portas! Queremos ar!

Agora há uma confusão de berros e gritos:

– Onde está o martelo de emergência?

– Abram essas portas!

– Onde fica a saída de emergência?

Até hoje Roland não consegue

entender tudo que aconteceu. “É inconcebível que não houvesse equipamentos de segurança em um trem daqueles”, revolta-se. Mas, por incrível que pareça, não havia. Teria sido imprudência grosseira, fé exagerada na tecnologia, ou mesmo arrogância humana, o que impediu que construtores e operadores da ferrovia previssem esse tipo de emergência?

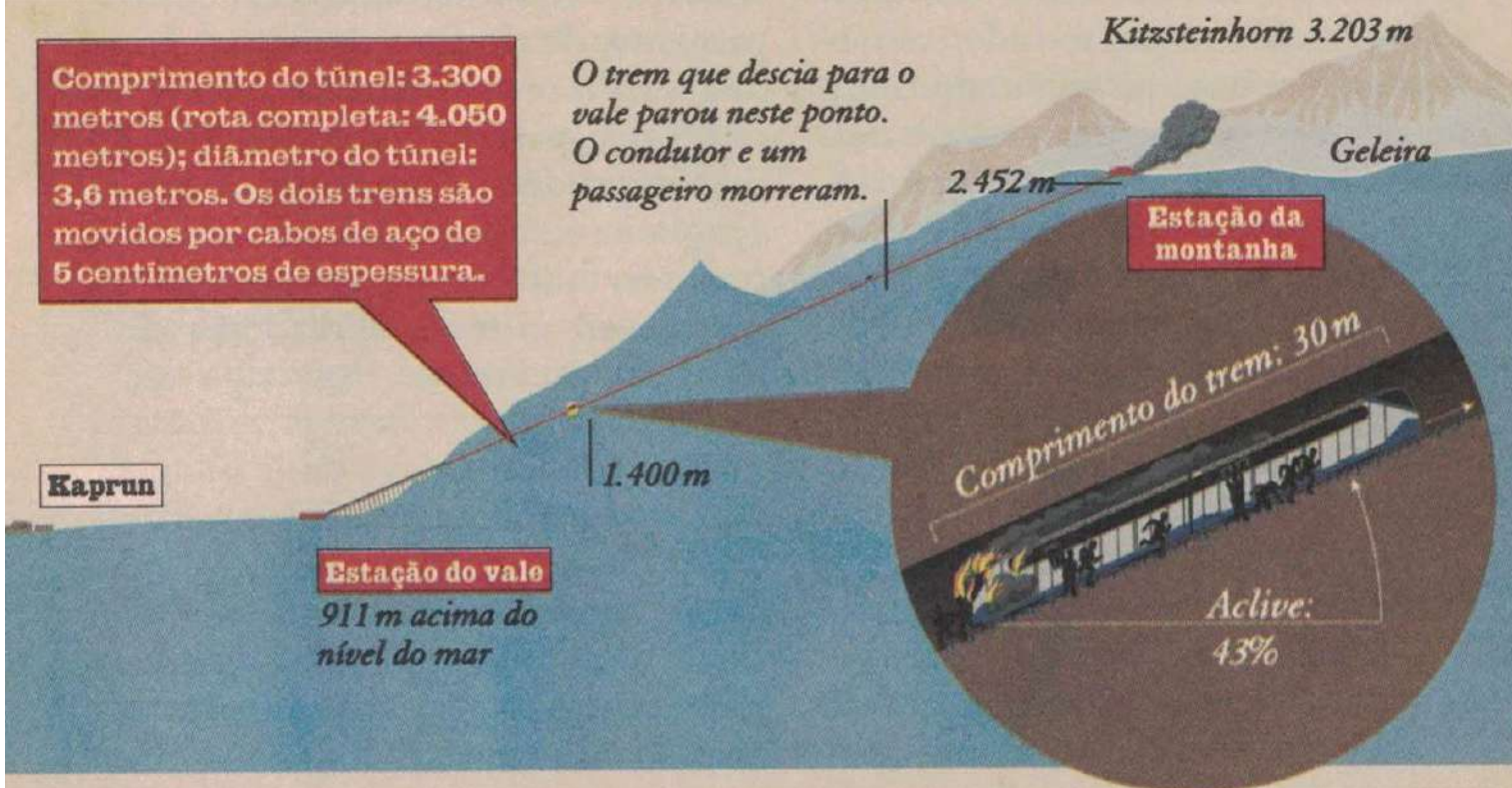
Logo depois das 9 horas, a situação imprevisível se torna uma sinistra realidade. Já se pode ver o fogo abaixo. Os passageiros procuram em vão por alarmes e martelos de emergência para rom-

O trem da morte de Kaprun

Um ventilador defeituoso provocou a catástrofe

Em 6 de setembro de 2001, o presidente do Tribunal da Província de Salzburgo apresentou os resultados da investigação sobre a catástrofe no túnel da ferrovia: o incêndio foi provocado por um defeito no ventilador de ar quente localizado na cabine inferior do condutor. Nem a instalação nem a operação desse mecanismo em trens haviam sido aprovadas. Além do mais, ele foi instalado perto dos canos hidráulicos. Por causa de um vazamento nesses canos, o óleo inflamável escorreu para dentro do aquecedor a uma temperatura de 100° C. Como o ventilador do aquecedor não estava funcionando, o equipamento superaqueceu, incendiando a insulação de lã e a carenagem e, em seguida, provocando a combustão do óleo hidráulico. Segundo o relatório, já havia um pouco de fumaça quando o trem partiu da estação do vale. Testemunhas confirmaram o fato. Na verdade, uma delas tentou dar o alarme pelo celular, mas não conseguiu completar a ligação.

À medida que o fogo aumentava no trem em movimento, houve uma queda de pressão no sistema hidráulico dos freios, o que fez o trem parar automaticamente no túnel. O condutor, no entanto, não podia ler em seus instrumentos o que causara a parada súbita. Não podia saber o que estava acontecendo na parte traseira do trem. Presumivelmente, foi por esse motivo que ele, que não sobrevi-



veu, não abriu de imediato as portas, o que só poderia ter sido feito de sua cabine. O relatório afirma que as medidas de segurança da ferrovia da montanha “não obedecem aos padrões normais de transporte público de passageiros”.

No total, 155 pessoas perderam a vida na catástrofe de Kaprun. Entre eles não se achavam apenas os passageiros do trem, mas também três pessoas que se encontravam na estação da montanha. A maioria das vítimas vinha da Áustria. Havia 37 da Alemanha, dez do Japão, oito dos Estados Unidos e outros da Eslovênia, Holanda, República Checa e Grã-Bretanha.

A responsabilidade criminal pelo acidente ainda não foi esclarecida. Estão sob investigação todas as empresas e pessoas envolvidas na produção e instalação dos dispositivos e materiais que causaram o incêndio. O equipamento de segurança inadequado do trem é também uma questão a ser tratada pela promotoria.

Subida trágica

O trem havia percorrido cerca de 600 metros do túnel quando parou. O incêndio começou na cabine do condutor. Os passageiros que correram para baixo sobreviveram. Aqueles que subiram, no entanto, não tiveram chance: o “efeito chaminé” prevaleceu, sugando a fumaça densa e as chamas na direção da estação da montanha.

per as janelas, e tentam abrir as portas com as mãos. Só presença de espírito e força poderão ajudar agora. Alguns homens junto à segunda porta do lado esquerdo martelam seus esquis e bastões com violência contra a janela, como bate-estacas. Os demais se espremem a fim de abrir espaço. Mas a janela é feita de *plexiglass* espesso, um material extremamente resistente. Só depois de oito ou dez pancadas ela arrebenta. Com muito esforço, caem outros pedaços.

Finalmente, a primeira pessoa consegue sair do trem. De cabeça para baixo, as pernas empurradas por trás, as pessoas se atiram de uma altura de pelo menos um metro e meio para o chão do túnel, junto aos trilhos. Surpreendentemente, não há pânico. Ao contrário, prevalece uma extraordinária calma – ninguém grita nem chora. Será que a fumaça deixou todos atordoados?

E **laine e Roland se encontram**

de pé bem perto da segunda porta à esquerda. Algumas pessoas, só Deus sabe quantas, já saíram. Roland quer ajudar a mulher a pular. “Não”, diz ela, “primeiro você.” Ele se enfia pela janela quebrada da porta, perdendo, no esforço, as botas de esqui, que por sorte ainda estavam desabotoadas; cai e consegue puxar Elaine para fora. Depois, nenhum deles vai se lembrar exatamente de como tudo aconteceu. Apenas de

que, no momento em que saíam, chamas já se erguiam acima da cabeça das pessoas dentro do trem.

O túnel da montanha, apontando para cima, funciona como uma chaminé. O fogo que surgiu na parte traseira do trem está sugando oxigênio da abertura no alto do túnel. Agora, com a velocidade do vento, o fogo rompe em uma enorme labareda e ruge à frente, fazendo arder todo o trem. Depois de Elaine e Roland, só umas poucas pessoas conseguem escapar do inferno. Birgit e o marido se encontram entre elas, mas o irmão de Roland e a filha, não.

Nesse instante Elaine e Roland nem imaginam o que está acontecendo. Estão lutando por suas vidas. E têm uma sorte incrível, pois saltaram por uma janela do lado esquerdo. O fogo arde com mais fúria no lado direito. Um ano depois, Roland conclui: "Se tivéssemos quebrado a janela do lado direito, teríamos de atravessar o fogo para descer até um local seguro. Mas ninguém faria isso. Nós, como os demais, certamente teríamos corrido para cima, para a morte certa. Teríamos nos asfixiado e nos queimado, por causa do 'efeito chaminé'. Mas você não pensa nas leis da física em momentos terríveis assim."

Aos tropeços, o casal desce pelos trilhos. Depois de apenas alguns metros, com o caminho iluminado pelo fogo impiedoso, encontram degraus. É uma escada de emergência rudimentar,

destinada às equipes de manutenção que examinam os trilhos de tempos em tempos. Lá embaixo, bem longe, os dois vêem um minúsculo lampejo de luz. "Talvez do tamanho de uma moeda", recorda Elaine. É a boca do túnel, a meta deles.

É incrivelmente difícil prosseguir e vencer 600 metros de degraus, cada vez mais íngremes. À medida que se distanciam do fogo flamejante, o túnel vai ficando mais escuro. Muitas vezes os degraus se transformam em pequenas plataformas que eles não conseguem ver. Um cabo plástico na lateral lhes permite parar e se orientar, mas está lascado, e esfolia a pele. Elaine cai várias vezes, batendo a testa. "Continue, continue!", grita Roland. Ele chama em vão pelo irmão e pela sobrinha.

Outros também descem pelos degraus. Ninguém pronuncia uma palavra; só pensam em tentar escapar. Subitamente há um clarão, e eles escutam sons de explosões. O túnel estremece. Roland teme que o trem despenque e os esmague. Instintivamente, ele pressiona a mulher contra a parede a fim de protegê-la e olha para trás. O trem que transportava 162 esquiadores até a geleira se transformou em uma bola de fogo, e muitos deles perdem a vida ali.

Elaine desce vacilando pelo túnel escuro, em meio a um vento cada vez mais forte. Pensa nos filhos, apenas nos filhos. Ao mesmo tempo, é invadida por uma certeza: *Ainda estamos vivos. Nossa hora ainda não chegou.* Enquanto prossegue a descida



© WECO

Primeiros socorros – Ferida, Elaine recebe a atenção dos médicos.

árdua e sem fim, ela cobre o rosto com as mãos. Está muito molhado. Escuta água correndo pelos trilhos. *Estão apagando o fogo lá em cima, pensa. Os serviços de emergência já chegaram. Muitos serão salvos. Sem dúvida, sem a menor dúvida.*

Elaine não sabe que o interior do túnel é normalmente úmido e molhado. Tampouco sabe que seu rosto está molhado porque, depois de tantos tropeços e quedas, encontra-se

coberto de sangue. Ela não sente nada, apenas vontade de se aproximar cada vez mais desse lampejo de luz com seu marido.

Por fim, depois de uns 30 minutos, Elaine e Roland chegam ao fim do túnel. O dia está lindo, o sol brilha. As equipes de resgate, com pesados aparelhos de respiração, sobem na direção deles. Tentam se apressar pelo túnel e che-

gar ao trem. Ainda não têm idéia de que sua missão é inútil.

Médicos e equipes de primeiros socorros também estão ali, e muitos veículos de emergência aguardam na estação do vale. O alarme soou em toda a região às 9h10. Até mesmo pacientes em consultórios médicos foram dispensados para que toda a ajuda disponível pudesse ser mobilizada.

Elaine e Roland são atendidos por um médico, colocados em macas e levados de ambulância a um hospital da redondeza. Elaine está em piores condições, com ferimentos feios na testa e muitas escoriações e contusões pelo corpo. Roland saiu praticamente ileso. Uma vez em segurança, ficou contente por ter perdido as pesadas botas de esqui na fuga do trem em chamas. Caminhar de meias facilitou muito a descida pelo túnel escuro. Até ser transportado para o hospital, a cada dois minutos um médico ou um auxiliar lhe perguntava como se sentia. “Estou bem!”, exclamava. “Vão logo! Ajudem quem ainda está no túnel.”

Mas não há mais o que fazer, e a furiosa atividade no local é sem dúvida motivada pela impotência dos que tentam ajudar.



Enquanto isso, no Kitzsteinhorn,

no platô da geleira, o festival de esqui prossegue alegremente. As pessoas se perguntam por que os helicópteros estariam rodeando a

montanha. Apenas alguns notam a densa fumaça que sai da estação ferroviária. Ninguém tem idéia da catástrofe que acaba de ocorrer dentro do túnel.

No hospital, Elaine e Roland se mantêm informados. No entanto, por um longo tempo não há notícias sobre a proporção do desastre nem sobre o número de vítimas. Por fim, ficam sabendo que Birgit e o marido sobreviveram sem ferimentos graves, mas ainda acreditam que o irmão e a sobrinha de Roland se salvaram. Não é possível que não tenham escapado. Esperam cada ferido que chega ao hospital, perguntam repetidas vezes se as vítimas podem estar sendo atendidas em outro local.

Por toda parte há incerteza, irritação e caos. Todos os esportistas que passavam um dia glorioso na geleira tiveram de descer pelo teleférico. Havia fogo no túnel, disseram-lhes laconicamente. No fim da tarde, as pessoas vasculham os estacionamentos para ver que carros ainda permanecem ali. As autoridades interrogam parentes desesperados que não sabem em que trem suas mães, pais ou filhos subiram.

Para Elaine e Roland começa uma terrível noite no hospital. Ansiosos com o desaparecimento do irmão e da sobrinha, alternam sentimentos de medo e de esperança. Só no dia seguinte, domingo, torna-se conhecido o número de vítimas. Há 155 mortos, quase todos queimados a ponto de não poderem ser reco-

Cinzas – Das 162 pessoas no trem, apenas 12 conseguiram se salvar do inferno em chamas.



© FRANZ NEUMAYER/DPA

nhecidos, provavelmente primeiro sufocados e depois consumidos num calor acima de mil graus.

Havia 162 pessoas no trem, entre elas muitas crianças. A fumaça vinda do vagão em chamas chegou ao topo da linha, intoxicando não apenas o condutor e um passageiro do trem que descia em direção ao vale, mas também três pessoas desavisadas na estação da montanha. Nada sobrou do trem, exceto uma carcaça

carbonizada. O horror se espalha pelo mundo. Um trágico lembrete de que a morte pode atacar inesperada e impiedosamente, até mesmo em ocasiões festivas.

Como por milagre, Elaine e Roland conseguiram se salvar. Fazem parte da lista de 12 sobreviventes, assim como Birgit e o marido. O irmão de Roland e a filha estão mortos. Seus dois outros filhos ficaram órfãos de pai.

Em Vilseck e imediações, as bandeiras estão a meio pau. O cheiro de morte paira sobre a cidade. Das 49 pessoas que participaram da viagem a Kaprun e ao Kitzsteinhorn com o Clube de Esqui Unterweissenbach, 20 não retornaram. Na praça do mercado, em frente ao prédio da administração municipal, pessoas acendem velas e depositam flores. Nos dias cinzentos de novembro que se seguem, jornalistas de TV e de tablóides sensacionalistas invadem o local. Na caçada por fotografias, copiam de vídeos de festivais da cidade imagens das vítimas e de suas famílias, e as publicam sem permissão.

Como Elaine e Roland Mayerhofer conseguem conviver com esse drama? “Quando meu irmão e minha sobrinha, assim como tantos outros, foram enterrados em Vilseck, senti que por muito pouco aquele também poderia ter sido o meu funeral”, diz Roland.

Depois do acidente, Roland passou a dar muito mais valor à vida e ao convívio com a família. Não sai mais em disparada com sua moto, pois sabe que, além do pico da próxima montanha, o inesperado pode acontecer.

Elaine não consegue se libertar da tragédia. “Mesmo depois de um ano, sonho com os mortos, com o irmão de Roland e sua filha.” Ouve suas vozes nos derradeiros minutos. E as de muitas outras crianças e jo-

vens felizes que tiveram morte tão cruel. Desperta então aos prantos e se pergunta: *O que aconteceu comigo? Um milagre? Não, foi um presente de Deus termos tomado a direção certa no momento decisivo – correr para baixo e não para cima. Mas essa terrível dor ainda persiste. Por que nós conseguimos e os outros não?*

O dia 11 de novembro de 2001 é uma data especial para Elaine e Roland. É dia de lembrar as vítimas do acidente, mas também seu sexto aniversário de casamento. E, por assim dizer, o segundo nascimento dos dois. Pois, logo após o acidente, Elaine não queria nem pensar em entrar de novo em um funicular ou em esqui. Os Mayerhofers rejeitavam inclusive a idéia de algum dia retornar a Kaprun.

Até que, há pouco tempo, relutantes, fizeram uma viagem de fim de semana a Kaprun, sentindo que precisavam enfrentá-la. “Com o passar dos meses”, diz Roland, “foi se tornando claro que, para nós, Kaprun não é apenas um lugar de horror, mas também o lugar onde ganhamos uma vida nova.”

EM UM CINZENTO sábado de setembro, olharam para cima e avistaram a rampa íngreme da subida da ferrovia. Viram aquele distante portal na montanha pelo qual saíram da terrível escuridão do túnel para a luz e salvaram suas vidas.

“O impacto que sentimos”, conta Roland, “foi ao mesmo tempo devastador e reconfortante.” No fim

da tarde, Elaine e Roland foram à igreja em Kaprun. Na missa, em meio aos cânticos, o sacerdote ofereceu orações às vítimas da catástrofe. Quando o casal partiu para casa na manhã seguinte, o sol brilhava sobre as montanhas. Exatamente como naquele dia. “Nosso pesar perdeu a amargura naquele fim de semana”, conta Roland.

Em Vilseck, no entanto, às vezes ainda é difícil, especialmente para Elaine. Ela encontra com frequência os parentes das vítimas. “Muitos ainda são incapazes de dizer uma só pa-

lavra”, conta ela. “Apenas alguns conseguem falar sobre sua tristeza e provação. A maioria prefere guardar silêncio. Eu preferiria que todos pudséssemos falar mais abertamente sobre nossos sentimentos, por mais tristes que sejam.”

Roland e Elaine sabem, por experiência própria, que isso ajuda. É mais fácil para Elaine, que é muito espontânea. Mesmo assim, quando se arruma pela manhã, a bailarina sempre pensa na catástrofe em Kaprun e coloca mais maquiagem sobre a cicatriz na testa.

A ÁRVORE DOS PROBLEMAS



O carpinteiro que contratei para me ajudar a restaurar uma velha casa de fazenda tivera um dia de trabalho difícil. Perdeu uma hora com um pneu furado, depois a serra elétrica quebrou e, por fim, sua velha caminhonete não quis pegar. Fui levá-lo em casa e, durante o trajeto, o homem se manteve em silêncio.

Quando chegamos, ele me convidou para conhecer sua família. Enquanto andávamos até a porta de entrada, ele se deteve diante de uma pequena árvore e tocou a ponta dos galhos com as duas mãos.

Ao abrir a porta, ele sofreu uma transformação espantosa. Abriu um largo sorriso e abraçou a mulher e os dois filhos pequenos. Depois me acompanhou até o carro e, quando passamos pela árvore, perguntei-lhe por que a tocara ao chegar.

– Esta é minha árvore dos problemas – respondeu ele. – Sei que não posso evitar os problemas de trabalho, mas eles não têm lugar em minha casa e em minha família. Por isso, eu os penduro na árvore todas as noites quando chego. No dia seguinte, eu os pego de volta. E o engraçado – continuou ele, sorrindo – é que, quando venho buscá-los de manhã, eles não são tantos quantos eu me lembro de ter pendurado na noite anterior.

—MIRZA SAAD UD DIN AHMAD, *Paquistão*